

Facetas do feminino

Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista

GREGORI, Maria Filomena.

São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS, 1993.

De fevereiro de 1982 a junho de 1983, Maria Filomena Gregori participou de todas as atividades desenvolvidas pelo SOS-Mulher de São Paulo, instituição criada por um grupo de feministas com o intuito de atuar junto às mulheres vítimas de violência. Durante meses, como militante feminista e observadora participante, ela registrou o comportamento de mulheres de diferentes idades, cores, condição social e ambiente cultural, tanto militantes quanto suas "clientes".

Discussões, entrevistas, diálogos, relatos, confissões e queixas alimentaram a sua reflexão de etnóloga em duas áreas, estruturando a sua análise e, conseqüentemente, o livro, em duas partes.

Na primeira, quando examina a prática feminista de conscientização, ela compara e confronta as proposições feministas e as concepções das mulheres que sofrem violência. Na segunda parte, em que se debruça sobre a violência conjugal, rejeitando a dualidade redutora entre algo e vítima, entre marido agressor ativo e mulher agredida passiva, Gregori recupera as ambigüidades e tensões nas relações entre os papéis de gênero, sinalizando nesse dinamismo a participação das mulheres como parceiras ativas em relacionamentos nos quais a violência assume significados variados.

Instigante, o livro revela, nas duas partes, uma gostosa ponta de atrevimento, pois a autora decidiu assumir riscos: ela é feminista, porém sem *irrestrita solidariedade para com as mulheres*; e ainda ataca a espinhosa discussão da violência conjugal pelo viés inusitado do erotismo. De um lado, ela enfrentou com maestria a discussão da prática política feminista, num momento em que o movimento tem uma legitimidade sócio-política ainda muito frágil, mas justamente quando é preciso que, além das suscetibilidades, o feminismo brasileiro se renove. Do outro, ela

olhou para um dos seus objetos, as mulheres vítimas de violência, com propostada ausência de compaixão e, quando necessário, lançou mão de estereótipos teóricos presentes em autores pouco procurados pelos cientistas sociais, como Georges Bataille, ou ainda os *enfants terribles* da literatura, como Louis-Ferdinand Céline e o Marquês de Sade.

Outro encanto do livro reside numa feliz junção entre os fatos analisados e a forma de narrar a própria análise. Bem escrito, o texto tem ritmo, os capítulos/cenas o recortam como um roteiro cinematográfico, o que permite que conservemos do início até o fim a sensação de "estar aí", seja no SOS-Mulher, seja nos quartos dos casais, logo atrás do buraco da fechadura. Gregori nos torna *voyeurs* de uma série de relações, de interações e de entrelagos entre mulheres, ou entre mulheres e homens.

Antropologia é isso, dirão, o "bom" etnólogo é aquele que sabe revelar, levantar véus; é graças a ele que sabemos, até que enfim, **tudo** sobre os Nuer, os Araweté, as gangues de rua etc. Só que neste livro as mulheres, feministas ou não, encontram a sua própria intimidade, estão forçadas a se olharem no espelho.

Embaraçadas (Indignadas?) *voyeuses* de nós mesmas, assistimos na primeira parte do livro às cenas/análises da vivência cotidiana do SOS-Mulher: militantes feministas entre si (a descoberta entusiasta da possibilidade da prática política com afeto e sensibilidade); militantes feministas e mulheres vítimas de violência (a inauguração precipitada de um atendimento equivocado e por demais "onisciente"); mulheres vítimas de violência entre si (o espanto das feministas frente ao conflito físico entre duas das "vítimas").

Nalinha dos estudos sobre os "movimentos sociais", seus "novos atores" e sua "identidade", Maria Filomena tece, com esmero e precisão, a crítica à atuação do SOS-Mulher em relação à sua clientela, retomando um a um os pressupostos que fundamentavam essa prática, exemplificando e discutindo as razões de sua inadequação à realidade sócio-cultural do momento.

Dispostas a **conscientizar** as mulheres quanto à dominação e opressão masculina da

qual são vítimas, através de uma conversa em que fossem compartilhadas "vivências particulares e revelados desejos ocultos", e assim promovido um clima de solidariedade e de confiança entre elas, não se deram conta as feministas de que seria impossível transformar, em poucas reuniões de atendimento, a consciência das mulheres que iam ao SOS. Estas (45% das quais eram empregadas domésticas e donas de casa de camadas médias e baixas) buscavam uma ajuda imediata para não mais apanhar dos seus maridos, mas não forçosamente o rompimento de relações nas quais encontravam ainda algum benefício.

Muito mais do que uma barreira de classe dificultando o diálogo entre atendentes e atendidas, Gregori mostra que o descompasso entre a recusa ao assistencialismo por parte das primeiras e a procura desesperada do mesmo por parte das segundas foi um dos fatores determinantes do fracasso do SOS: 90% das "vítimas" jamais voltaram aos plantões. Na hora da crise, o essencial para elas não era transformar prontamente suas práticas cotidianas e tentar reverter a desigualdade social entre os sexos. "Mudar a cabeça" ou "explodir os valores", talvez... Porém, antes, o que elas queriam encontrar era um abrigo onde se refugiar com os filhos. Mas isto não estava contemplado pelo SOS de São Paulo, concentrado, naquele momento, em "essencializar" a condição feminina pela opressão masculina.

A rigorosa etnografia do SOS-Mulher traz argumentos importantes para que o movimento feminista tente lidar com sua "enorme dificuldade em compreender as diversas circunstâncias que recortam a vida das mulheres", mesmo que pertençam à mesma classe, tenham a mesma cor ou a mesma idade.

A segunda parte do livro prossegue com o esquadramento dos argumentos feministas, agora sobre a violência doméstica, opondo-os às concepções das mulheres vítimas dos seus cônjuges.

Recontando as "queixas" e reconstruindo, numa sucessão de *fade-in* e *fade-out*, as "cenas" de casais em que são reordenados os papéis de gênero, Gregori nos transforma, apesar de todas as diferenças que nos unem, em *voyeuses* surpresas (*mal à l'aise?*) de nós mesmas: reconhecemos alguns dos jogos relacionais, não forçosamente violentos fisicamente, em que, alguma vez na vida, nos vimos envolvidas/os, na vivência dessa condição feminina forjada numa cultura machista.

Avessa ao "vitimismo", opondo-se à argumentação feminista sobre a violência conjugal em que a mulher aparece como ser vitimado, a autora propõe um outro caminho para entender o fenômeno: "Menos do que perseguir uma explicação para a violência, procurarei entender como as mulheres se vêem nessas relações, e como vêem os seus parceiros..." (p. 135). Não vamos **entender**, portanto, por que nem todas as mulheres igualmente oprimidas são batidas por seus maridos; por que Dona Conceição, espancada seguidamente por dez anos, parou subitamente de apanhar e vive agora "numa eterna lua de mel"; nem como a fruição do intenso prazer sexual podia abrandar as dores dos violentos espancamentos sofridos por Regina.

Entendemos, entretanto, graças ao artifício de *reconstrução* que Maria Filomena faz das narrativas dessas mulheres, de que maneira a marca da socialização *as impede de interpretar* os conflitos conjugais como originários de uma relação de dependência. Embora elas tenham interpretações diferentes quanto ao problema, umas partilham padrões tradicionais de conduta, enquanto outras buscam padrões modernos, "ao sofrerem discriminações e violência, todas elas - indistintamente - acionam os recursos característicos da queixa: culpam o outro, vitimizam-se e reivindicam amparo" (p. 198).

Nessa parte do trabalho, o argumento perde sua contundência por não ser, em nenhum momento, nutrido pela voz masculina, o que faz com que a "perspectiva relacional", que o trabalho está pretendendo, se mostre desequilibrada.

É preciso que os homens narrem os mesmos assuntos, para que possam reconhecer as marcas de sua socialização perversa. Não terão eles, também, suas queixas, ou formas narrativas vitimizantes próprias? (Que o diga Guita Deberf, com a sua pesquisa sobre a velhice, ouvindo as narrativas queixosas dos homens sobre a vida após a aposentadoria, culpando os outros por fazê-los velhos, em oposição às narrativas jocosas de suas companheiras a respeito da mesma velhice). E que dizem os homens violentos de sua fruição do prazer sexual pós-espantamento? Algum já tentou se suicidar, como Regina?

Cenas e Queixas tem seu ponto alto na abordagem da questão do sexo entre cônjuges e do prazer presente nas relações violentas. Para Gregori, aí está o "buraco negro" da violência contra a mulher: são situações em que a mulher se produz - não é apenas produzida - como não sujeito" (p. 184), e, sobretudo, reitera ações que

cooperam na sua produção como não sujeito. Quando Regina, em busca do "moderno", diz que gosta de Yoko Ono, ela tem consciência de que o marido que defende o "tradicional" vai reagir. "Mas ela joga." Vem a cena de violência na qual "a 'violação' do corpo significa: ela não mais se pertence. Essa é a ruptura que prepara outro movimento em que os dois se ligam - agora, em acordo, na busca do prazer" (p. 182). Além das considerações sobre um querer consciente da cena, sobre a cooperação da vítima, a autora procura entender o significado desses "rituais privados que se repetem cotidianamente". No caso da Regina, haverá depois da cena "um novo enlace no qual a diferença entre os dois convergirá para estimular o prazer."

Concordo com a sua postura, mas tenho ainda algumas questões. A narrativa de Regina poderia ser contraposta àquelas que se referem à ausência de prazer sexual ou à obrigação de "servir" o marido na cama, buscando a marca da socialização na negação de uma sexualidade propriamente feminina, ou melhor, definida pelas próprias mulheres, e não pelo imaginário masculino do que seja o "feminino".

De que sexualidade está falando Regina? De que prazer? Da sexualidade e do prazer sexual que, na nossa sociedade, estão definidos em termos masculinos, ou seja em termos de virilidade, conquista, dominação, posse?

Antes de abrir o livro, detive-me nas ilustrações de sua capa, atraída pela atmosfera íntima,

cotidiana, e confortavelmente burguesa que sugeriam. Observei essas pequenas fotos repetidas de fragmentos de cenários domésticos. O canto de uma estante com dois pares de sapatos arrumados lado a lado. Os dele, aqueles clássicos, de amarrar; os dela, uns *escarpins* branco-e-pretos, daqueles que acompanhavam os *falleurs* acinturados dos anos 50. Acima de uma cama desfeita (do casal, será?), uma janela está entreaberta (a quais devaneios?), suas cortinas de renda semicerradas. Na cama desfeita, cujos travesseiros têm fronhas com bico de renda, foi largada uma boneca vestida à antiga. Pequenos vasos de plantas ornaram o beiral de um basculante onde seca um pano de prato quadrilado; na mesa, um buquê de flores. Ordem serena e promessa de prazer assegurados por uma dona de casa portadora de todas as características de um feminino imaginário tradicional: prendada porém sedutora, ligeiramente infantil mas que sabe cuidar dos outros, uma mulher "bem feminina". Uma das inúmeras facetas do feminino que habitam **untas** em mim, em você leitora, em vocês leitoras.

Num país (dependente?) em que tudo é referido ao que está fora dele, ao que acontece no "Primeiro Mundo", àquilo que ele não é, como se fosse impossível suportar a sua cara, só podemos nos congratular com o livro de Maria Filomena Gregori que nos ajuda, feministas, parafraseando Cazuza, a olhar a nossa cara.

DANIELLE ARDAILLON ■

Risco de vida

As Rotas do Norplant. Desvios da contraceção.

ISRAEL, Giselle, DACACH, Solange.

Rio de Janeiro, (s. ed.), 1993.

O medo de engravidar, problemas com o DIU e a pílula, ignorância, falta de informação, pobreza e negligência caracterizaram os testes com o Norplant, o anticoncepcional à base do hormônio levonorgestrel em forma de bastão que é implantado sob a pele da mulher e faz efeito durante cinco anos. O "jeitinho" brasileiro

mais uma vez funcionou e, com suas doses de improviso e irresponsabilidade, provocou danos irreversíveis em boa parte das mulheres que se submeteram a esses testes. Para refrescar a memória de quem comemorou, no Natal de 1990, a liberação do Norplant pela rigorosa Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos como método seguro e saudável de evitar filhos, a socióloga Solange Dacach e a médica sanitária Giselle Israel reuniram num livro de 125 páginas, meio documento, meio panfleto, os números da experiência brasileira com o anticoncepcional. Elas mostram que, no caso do Norplant, o que **seria** bom para os Estados Unidos foi desastroso para o Brasil.